ANNO XIV de "O Povo de Aveiro,, DOMINGO, 26 DE NOVEMBRO DE 1899 N.° 809 de "O Povo de Aveiro,,

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 15

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

1.° Anno

ELEIÇÕES

Realisa-se hoje o acto mais solemne da vida dos povos livres e a tal estado nós chegámos que quem escreve estas linhas nem chega a saber quem é o candidato *proposto* pelo circulo, em cuja séde se imprime e publíca este semanario!

E, como nós, está approximadamente toda a gente, em todo o paiz e a proposito de todos os circulos eleitoraes em que este se divide!

O regimen monarchico constitucional mascarou sempre o regimen absolutista. Mas, mais ou menos, ainda havia, dantes, um um certo cuidado em disfarçar a mascarada. Hoje, não. Hoje pôz-se de parte os escrupulos. Hoje mostra-se a verdade toda. E aquelles, que ainda se deixavam illudir, passaram a tratar *d'outra vida*, perdida a illusão. Ninguem faz caso d'eleições. Fazer caso para quê, se já não ha duvidas nenhumas de que os deputados são nomeados e não eleitos? Se a nomeação já se faz, descaradamente, pelo ministerio do reino, com uma franqueza cynica?

A tal degradação chegámos, depois de setenta annos de regimen monarchico-constitucional!

A nomeação faz-se descaradamente pelo ministerio do reino, mas com tamanho desprezo pelo povo e pelas formulas que já nem se annuncia antecipadamente, na maioria dos casos, o nomeado. Por Aveiro disse-se que seria *eleito* o sr. Barboza de Magalhães. Depois que não seria elle, mas outro qualquer, que não se indicou. Afinal quem é? E' elle, não é elle? Talvez o saibam os *vitalinhos*. Quem escreve estas linhas é que não sabe nada a tal respeito e os eleitores sabem tanto como nós.

Provavelmente *será elle*. A opinião d'Aveiro recebeu mal o nome do sujeito. Os *vitalinhos* fizeram a diversão alegre, que se sabe. E o sr. José Luciano não esteve com mais *aquellas*: calou-se e manda hoje, sem mais nada, passar o diploma ao sr. Barboza, genro do seu fallecido amigo Manuel Firmino e seu amigo elle proprio.

Provavelmente será isso.

Mas, seja, ou não seja, o facto importante é este: ninguem conhece em Aveiro o futuro *deputado*. Começa logo o *acto eleitoral*, proclama-se logo o *representante do povo* d'este circulo, e o povo ainda não sabe, a estas horas, o nome d'esse *representante!*

E o que acontece em Aveiro acontece em quasi todos os outros circulos do paiz.

Eis a que chegou o systema monarchico-representativo entre nós. Estamos peior que no tempo das côrtes absolutistas.

De resto, todos os actos e manifestações da vida publica demonstram este estado de puro absolutismo, em que vivemos. Ainda ha dias sua magestade el-rei escrevia ao sr. José Luciano uma carta que demonstra no monarcha um soberano absoluto e não um chefe d'estado constitucional. O fallecido bacteriologista Camara Pestana, quando quiz recommendar aos poderes publicos os seus companheiros de trabalho, não se dirigiu ao ministro do reino, mas á rainha.

Os soberanos portuguezes accentuam por todas as fórmas o seu espirito absolutista, o seu proposito de reinar e de governar. E os homens publicos e dirigentes da vida portugueza acceitam esse espirito, confirmam-n'o, incitam-n'o, adulam-n'o. D'ahi esta separação profunda entre a nação, que não está d'accordo, e os poderes constituidos, separação que se manifesta hoje n'esta indifferença atroz, que todos reconhecem e registam, n'este abandono flagrante de quanto importa aos interesses communs, e que se manifestará amanhã por qualquer outro meio, tão significativo como esse.

Será o que Deus quizer.

Até lá iremos andando e vivendo. Mas, pela nossa parte, protestando sempre.

Desleixos condemnaveis

A quem compete pedimos a sua attenção para o seguinte:

Sob a torre do signal da nossa barra acha-se installado um paiol, que está, segundo nos consta, sob a immediata fiscalisação do sr. governador militar da praça d'Aveiro.

Pois até hoje, a auctoridade respectiva ainda se não lembrou de mandar collocar um pára-raios na mesma torre! Está á espera que succeda alguma grande desgraça, para depois remediar o mal. E tudo assim vae!

•

O barco salva-vidas continúa a apodrecer no barracão, onde o arrumaram, á espera que se dê algum sinistro no mar.

Pobres naufragos, se contam com o auxilio do salva-vidas, para lhes accudir na hora do perigo!

Se ha realmente decidida vontade de crear aqui uma estação de soccorros a naufragos, não deixem apodrecer o barco, que ahi se encontra ha tanto tempo... sem a competente tripulação, e carecido de outras medidas indispensaveis, para o fim a que elle se destina.

CONGRESSO REPUBLICANO

Reuniu-se em Coimbra um supposto congresso do partido republicano.

Pobre partido!

Nem vontade ha já de lhe bater.

Mas o que podem os idiotas! A idéa republicana cada vez tem mais raizes em Portugal. E' incontestavel. O numero dos republicanos é enorme. Mas rotos, dispersos, espalhados, porque o chamado partido está enfeudado a uma sucia de imbecis e de tratantes e ninguem quer ser mandado por imbecis nem ninguem quer correr o risco, para os expulsar a pau, de se lhes sujeitar á peçonha.

O que podem os imbecis e os tratantes!

Isto sem referencia a todos os eleitos no ultimo congresso, alguns dos quaes são homens honestos e de boas intenções, que eram merecedores de melhor sorte.

Triste sorte, essa de ser eleito para dirigir um partido de tal ordem!

Que miseria!

Diz um diario de Lisboa, que a uma cadeira de ensino primario em Valdreu, concelho de Villa Verde, appareceram 97 concorrentes—um d'elles bacharel em Theologia.

Avalie-se por aqui a miseria que vae por esse paiz fóra.

Bachareis a concorrer a logares que quasi se morre de fome!

A PROPOSITO DO PADRE

Diz Letourneau, como já vimos, *«que se tem demonstrado, com provas superabundantes*, que os philosophos e os escriptores da antiguidade gregoromana não esperavam o nascimento e a diffusão do christianismo para exprimir os largos sentimentos de egualdade, de fraternidade, etc, de que, uma vez liberta do Jadaismo, a religião do Christo, fez, por assim dizer, todo o seu enfeite.»

Com provas superabundantes, diz bem. E por isso está hoje assente que o christianismo não foi um progresso, mas um recúo na civilisação.

Uma das grandes pretenções do christianismo é ter realisado um grande progresso social nos factos e nas idéas. Ora não ha tal. Em primeiro logar o monotheismo judeu, como diz Guyot, o notavel publicista francez, no seu bello livro *Etudes sur les Doctrines Sociales du Christianisme*, pag. 93, longe de ser um progresso é uma concepção grosseira de um tyranno cuja vontade serve de explicação para todos os problemas. Depois, nem o proprio monotheismo existe na religião christã, monotheismo a que se oppõe o dogma da Santissima Trindade, o culto grosseiro dos santos e outras manifestações fetichistas que se mostram a cada passo.

«Realisou o christianismo um progresso sob o ponto de vista social? Deve-lhe a humanidade a libertação da escravatura? Vamos vêr.

A derrocada do cesarismo, abatendo o orgulho patricio, tinha estabelecido a egualdade. Ao passo que os libertos se iam assentar no Senado, velhos patricios arruinados iam sollicital os, pedir-lhes favores, e as mulheres pertencentes á maior aristocracia de Roma inscreviam-se nos lupanares para ganhar a vida. D'ahi resultava uma grande indifferença pelas origens fidalgas. Ninguem córava de ser de baixa condição. Horacio dizia falando de seu pae: «Não temo que me censurem um dia por eu vir a ser pregoeiro, como elle, nem me importaria de o ser. Maior é o seu merito por me haver educado e maior o reconhecimento que lhe devo. Nunca córarei de tal pae, nem lhe prefiriria outro ennobrecido por consulados ou cadeiras curnes.»

Seneca o rhetorico rebaixava o orgulho do nascimento dizendo: «Remontae á origem d'um nobre qualquer e encontrareis um homem sahido do nada.»

Juvenal dizia mais duramente:

«Quem eram os paes das primeiras familias de Roma? Escravos fugitivos, ou coisa peior ainda, que eu não quero dizer.»

Mettidos por esse caminho os philosophos iam até ao ponto de reconhecer que os escravos eram homens. Dion exclama: «Os escravos tambem são homens; beberam o mesmo leite que nós, embora os perseguisse uma má sorte.» Seneca e Musonius faziam da sujeição da escravatura um argumento justificativo da tyrannia dos Cesares: «O quê? diziam elles. Queixae-vos dos tyrannos e sois em vossas casas os mais soberbos e os mais crueis dos tyrannos?»

No tempo de Augusto, um rhetorico podia dizer sem protestos: «A natureza fez os escravos eguaes aos senhores e as desegualdades introduzidas pelas leis não teem nenhum fundamento real e legitimo.»

Outro rhetorico dizia, indignando-se contra os caprichos dos senhores: «Que crime commetteram os escravos? O crime de nascer.»

Hermogenio por seu lado dizia: «Surgiram guerras. Derivou-se d'ellas o captiveiro e a escravidão, que são contrarias ao direito da natureza por isso que originariamente e por direito natural todos os homens nasceram livres.»

Zenon, o fundador do estoicismo, tinha dicto: «Todos os homens são

---

(15) FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO VII

Comtudo, no meio d'este conjuncto de calamidades, tanto ricos como pobres, tanto plebeus como nobres, na espectativa de um torneio, que era o grande espectaculo d'esse tempo, sentiam tanto enthusiasmo como sente por uma tourada um esfomeado cidadão de Madrid que não tem um real para comprar alimentos para sua familia. Nem obrigações nem doenças impediam novos e velhos de assistirem a esses espectaculos. Por isso o *passo d'armas*, como então se dizia, que ia ter logar em Ashby, no condado de Leicester, no qual o campo devia ser defendido pelos mais celebres campeões em presença do principe João em pessoa, que se esperava tomaria tambem parte no torneio, attrahira a attenção geral e uma immensa multidão de gente affluiu desde pela manhã, no dia indicado, ao local do certamen.

Esse local era singulamente pittoresco. Na orla de um bosque, a uma milha de distancia da povoação de Ashby, estendia-se um espaçoso prado, coberto de finissima e formosa relva, limitado de um lado pela floresta e do outro por uma porção de carvalhos dispersos, alguns dos quaes tinham um tamanho enorme. O terreno parecia ter sido preparado pela natureza expressamente para a festa marcial que ia ter logar, porque de todos os lados descia docemente até uma planura horisontal, tendo de comprido um quarto de milha e de largo cerca de metade. Essa planura, que estava cercada d'uma forte palissada, tinha a fórma de um quadrilatero oblongo, cujos angulos tinham sido consideravelmente arredondados de maneira a offerecerem maior commodidade aos espectadores. Nas extremidades do norte e sul havia duas aberturas para os combatentes, fechadas por vigorosas portas de madeira, e pelas quaes podiam passar dois cavalleiros a par. A cada uma das portas estavam postados dois arautos, escoltados por seis cornetas, outros tantos passavantes, e um forte troço de homens d'armas para manterem a ordem e verificarem a qualidade dos cavalleiros que se propunham entrar no torneio.

Por detraz da porta do sul e sobre uma plataforma formada por uma elevação natural do terreno estavam armados cinco luxuosos pavilhões, adornados com galhardetes vermelhos e pretos, côres distinctas dos cinco cavalleiros reptadores e mantenedores do torneio. Os cordões das tendas eram das mesmas côres.

Em frente de cada pavilhão estava suspenso o escudo do cavalleiro que o occupava e ao lado estava postado o seu escudeiro, extravagantemente disfarçado em selvagem, homem dos bosques ou vestido com qualquer outro trajo phantastico, conforme o gosto do seu senhor e o caracter que lhe agradara tomar durante o divertimento. (1) O pavilhão central, como logar de honra, fôra destinado a Brian de Bois-Guilbert, cujo renome em todos os jogos da cavallaria, assim como as suas relações com os cavalleiros a quem pertencia a iniciativa das justas, tinham feito com que elle fosse recebido com enthusiasmo pela companhia dos reptadores e por estes proclamado chefe e guia, apesar de se lhes ter juntado pouco antes. A um lado da sua tenda estavam armadas as de Reginaldo Testa-de-Boi e Ricardo de Malvoisin, e do outro o pavilhão de Hugo de Granstmesnil, nobre barão dos arredores, de quem um dos antepassados fôra

(1) Suppõe-se que é d'esta especie de mascarada que provem a introducção dos supportes na arte heraldica.

eguaes, só a virtude estabelece entre elles distincções. Todos os maus são escravos, só o sábio é livre porque só elle é senhor das suas inspirações. O mau não o é.»

Ao impulso d'estas idéas, ao contacto dos estrangeiros que abundavam em Roma, sob a influencia de viagens continuas, na Europa e na Asia, dos romanos ricos, produzia-se um sentimento de caridade, de piedade, de fraternidade cosmopolita.» (Ibidem, pag. 95, 96, 97 e 98.)

Guyot cita muitos outros factos e palavras para provar a corrente enorme que ia em Roma contra a escravidão e continua:

«Obedecendo a este impulso, os imperadores, ainda os mais crueis, fizeram leis para salvaguardar a escravidão. Nero encarregou um magistrado de receber as queixas dos escravos. A lei Petronia, publicada por esse tempo, prohibia entregal-os aos animaes. No tempo de Adriano e de Antonino o senhor perdeu o direito de vida e de morte, que ficou pertencendo exclusivamente aos magistrados, salvo em caso de legitima defesa ou do escravo ser encontrado em copula com a mulher ou a filha do senhor. O prefeito da cidade foi encarregado de limitar a crueldade dos castigos. Domiciano prohibiu castrar os escravos.

Não só os philosophos (1) obteem esses resultados dos imperadores, que tentavam compensar o seu despotismo com alguns favores concedidos aos escravos que padeciam todas as tyrannias, mas levantam ainda a dignidade do escravo. Ousam sustentar que o escravo é um ser moral, capaz de virtude. O quarto livro de Appiano parece escripto só para adduzir factos em apoio d'essa demonstração. Não só se esforçam por proteger o escravo, mas ainda o rehabilitam.

E' verdade que se ousam concluir pela egualdade moral, os philosophos não concluem pela egualdade civil. Mas que mais fazem os apostolos christãos? Nada. Por ventura S. Paulo conhece outra egualdade e outra fraternidade que não seja a egualdade e a fraternidade em Deus?

Entre os philosophos e os apostolos christãos ha entretanto uma differença: os apostolos christãos teem mais do que os philosophos a hypocrisia e menos do que elles o sentimento profundo e desinteressado da humanidade.

A Biblia não tem ternuras com os escravos. Põe estas palavras na bocca de Noé: «que Chanaan seja maldicto, que seja o escravo dos escravos!»

O Ecclesiastes contem esta maldicção contra o escravo: «Para o escravo o pão, a correcção e o trabalho. Trabalha quando o castigam. A canga e a correia fazem curvar o pescoço mais duro e o trabalho continuo acalma o escravo. A tortura e os ferros para o escravo malicioso...»

(1) Os philosophos, de resto, protestavam, não só por gritos de indignação de que as suas obras nos trazem o echo, mas ainda pelo seu proprio exemplo. Plutarcho conta-nos a bonhomia com que tratava os escravos. Seneca, comendo á mesma meza com os seus, apezar dos seus sessenta milhões de fortuna, escrevia ao seu amigo Lucilius: «Sei por d'aquelles que veem de ti a familiaridade com que vives com os teus escravos. Isso é digno da tua sabedoria e da tua instrucção. São escravos? Não, são homens.»

Guyot—Ibidem pag. 100.

O Evangelho não diz nada sobre os escravos. Os apostolos não querem chamar os escravos á liberdade. S. Paulo diz expressamente: «Escravos, obedecei aos senhores como ao Christo. Que os escravos sejam submissos aos seus senhores, agradando-lhes em todas as coisas, não os contradizendo, não os enganando, provando-lhes completamente a sua fidelidade, afim de que embellezem em tudo a doutrina do salvador, nosso Deus...»

Os christãos conservavam os escravos e eram menos benevolentes com elles do que os philosophos como Seneca. S. João Chrysosthomo conta que uma rica matrona christã obrigava jovens escravas a puxar á sua liteira e mandava-as fustigar á sua vista.

E' verdade que S. Paulo diz aos senhores: «Dae aos escravos a justiça e a egualdade; lembrae-vos de que tambem tendes um senhor no céo...»

Mas é segundo Jesus, é segundo a Biblia que S. Paulo fala assim? Não; é segundo Epicteto, Horacio, Seneca, segundo todos os declamadores da epocha. O christianismo não traz nada de novo: ficou nos dados da philosophia do tempo. Ha mesmo um recúo: S. Ignacio escreve a S. Polycarpo: «Não desprezeis os escravos, mas que elles não desejem ser libertos pela communidade da Egreja, não se vão elles tornar escravos das suas paixões.»

Ao menos os philosophos não prohibiam aos escravos levantar a cabeça e aspirar a entrar na posse da sua individualidade.

S. Chrysosthomo accrescenta: «A escravidão é um bem porque é uma occasião que tem o christão de mostrar as suas virtudes.»

E para livrar os escravos da perigosa escravidão das suas paixões e para lhes dar occasião de mostrar virtudes, os Episcopos (1) possuem escravos.

No principio do seculo quinto a egreja de Roma e as egrejas d'Africa e do Oriente tinham escravos. O 1.º concilio de Arles e o 2.º d'Orange decretam a excommunhão contra aquelles que ousassem apoderar-se dos escravos dos clerigos. N'um concilio reunido em Roma, em 1049, no pontificado de Leão IX, resolveu-se que toda a mulher convencida de se ter prostituido com um padre no recinto da cidade se tornasse escrava do palacio de Latran. Este confisco pessoal foi introduzido, em proveito dos bispos, em muitas egrejas de Italia. Esta medida foi approvada por todos os santos personagens do tempo.

Quanto aos castigos que os escravos podiam supportar da parte dos seus senhores, a Egreja mostra-se muito mais tolerante do que os philosophos. Segundo o decimo primeiro concilio d'Arles, se um escravo se suicidava, por excesso de mau tratamento da parte do senhor, o culpado era o escravo. O concilio d'Elvine decreta no seu quinto canon que a mulher que matar a sua escrava n'um impeto de colera possa ser admittida á communhão dos fieis, no fim de sete annos de legitima penitencia, se a matou voluntariamente, no fim de cinco annos, se a matou involuntariamente.

Confessemos que uma vida humana por aquella penitencia era barata.

(1) O episcope era o inspector de uma circumscripção territorial chamada *diocese*.

Não só a Egreja é mais dura para os escravos do que os philosophos, como tambem está longe de os rehabilitar, de admittir a sua egualdade moral, como elles. O concilio d'Elvine prohibe que os libertos sejam clerigos. No seculo quinto, Leão I «indigna-se que se admitta *pêle-mêle* ás ordens sacras pessoas que não se recommendam pela dignidade da sua origem»; de que se elevem ao sacerdocio escravos, «como se a vileza servil tivesse o direito d'attingir essa honra. O santo sacrificio da missa é polluido pelo seu contacto.»

Como poderia o escravo assim envilecido ser tratado como homem?

S. Agostinho foi mais longe: em lugar de rehabilitar o escravo, como o tinham feito os philosophos, faz a theoria da escravidão para a justificar.»

Guyot transcreve largos trechos de S. Agostinho, que nos é impossivel a nós transportar para aqui, e conclue:

«Assim a escravidão é uma consequencia do peccado. O escravo é maldicto de Deus. Quem poderia ter piedade d'esse maldicto? E' um excommungado da humanidade. E' um anathema, marcado pelo dedo de Deus. Suspendei a vossa sympathia, se se inclina para elle. Iria contra os fins de Deus e tornar-se-hia um peccado.

Quem se atreverá a pretender que esta theoria da escravidão seja superior á de Epicteto? Quem ousará pôr as palavras de S. Agostinho acima da carta de Seneca a Lucilius?

Mas para que discutir isto? Os factos ahi estão, esmagadores, para responder aos impostores que tendo vergonha das verdadeiras doutrinas do christianismo querem enfeital-o, mascaral-o, pintal-o para o apresentar á civilisação do nosso seculo desenove. Dizem que o christianismo libertou o escravo; então para que tinha a Egreja escravos no seculo quinto? Que digo eu? No seculo onze. E os ultimos servos libertados, antes da Revolução, não foram os servos da Egreja? Para que justificou Bossuet a escravidão no seculo desesete? Porque são os ultimos paizes d'escravos paizes catholicos: a Hespanha e o Brazil?»

Assim se exprime o illustre auctor da *Morale*, da *Prostitution*, da *Science Economique*, ex-ministro da Republica Franceza, um dos taes impios ignorantes a que se referia a besta do Fernandes.

Mas não é tudo. Ha muito mais que dizer e dil-o-hemos.

Commuuicam de Nova-York que falleceu o vice-presidente da Republica norte-americana.

— Venho receber a conta da roupa.

— De que roupa?

— Do fato que o senhor mandou fazer lá na loja.

— Não tenho nada a pagar.

— Ora essa!...

— E' assim mesmo. Quando eu lá mandei fazer o fato, combinámos pagar-lhe metade e ficar-lhe a dever a outra metade. Não foi este o ajuste?

— Foi, sim senhor.

— Paguei-lhe a metade, não paguei?

— Pagou; mas o resto?

— O resto não pago. Se lh'o pagasse não lh'o ficava a dever: era contra o ajuste.

JUSTIÇA DE CAFRES

Continúa o nosso amigo, chegado da Zululandia, a descrever-nos as scenas picarescas que se dão n'aquelle paiz com a justiça.

Diz-nos o nosso amigo que o amiganço entre o juiz e o homem pequenino, de quem o sogro dizia que era um asno, o tal que levava o sogro a dizer á filha que antes a queria casada com um sapateiro, o mesmo que era e é tão repugnante no pedantismo que levou o sogro a romper para toda a vida com a filha por ter casado com tal pedante, diz-nos o nosso amigo que o amiganço entre esses dois *gajos* é um dos attentados mais revoltantes á justiça, que elle tem presenceado.

Um juiz de direito a proceder, no exercicio das suas funcções, por influencias d'um badameca d'aquelles! Um magistrado de tanta importancia a pagar com actos de justiça as licções de *machinas* e *instrumentos*, que lhe dá o *petit-maitre!*

Só na Zululandia.

«Aquillo não é um juiz, meu amigo, aquillo é um cacique. Aquillo não é um homem, meu amigo, aquillo é uma besta. Não dá expediente ao serviço. Exige dinheiro para o mais insignificante despacho, o que torna ainda mais immoral a justiça da Zululandia; não rubrica nem inutilisa um sello sem que a parte lhe dê o correspondente a um vintem em moeda portugueza, mas, não passando recibo, faz com que o funccionario que corresponde ao nosso contador conte e elle receba outra vez; exige emolumentos que não lhe pertencem; tem um desprezo absoluto pelos interesses das partes de quem diz não ser procurador; dá sentenças illegaes e immoraes de que lhe mando exemplos, etc, etc, etc.»

Assim nos escreve o nosso amigo. Pois então, etc, etc, etc. Venham os *et ceteras*, e falaremos.

Lá na Zululandia chamam ao homem um caçador de hippopatamos, uma besta. Cá em Portugal diriam que era um malandro, menos nós, que lhe chamariamos um *gajo*.

Um *gajo* sem calça á bocca de sino, mas, por isso mesmo, mais pittoresco. Um machacaz. Um *gajo* com figura de maniputo quando monta a machina.

E' tão lindo a cavallo no instrumento!

E' o que nos diz o nosso amigo, que nós nunca o vimos.

E' tão lindo!...

Tão lindo que se fosse cá na terra, onde as cornetas, estafadas de tocar *catalá, catalá*, já vão passando de moda, já não seduzem, já não produzem effeito, tão lindo! tão lindo em cima do apparelho! que, se fosse cá, repetimos, era certo o João dos dictos apanhar mais um carrapito para ornamentar a frontaria.

Um *gajo* d'aquelles a dar á perna seria caso para despertar o apetite extravagante de todas as *gajas* que dão ao pernil. Mas está o João livre d'isso e nós tambem, felizmente. Deus nos livre, que as ruas são estreitas e, com o que por cá vae, já temos de passar encostados ás paredes.

Deus nos livre.

Mas aquella Zululandia bem está pedindo uma revolta.

Vamos a vêr o que os boers fazem por lá.

Uma informação... de môlho

A respeito da noticia que sob esta epigraphe publicámos no n.º 13 do nosso jornal, recebemos a carta que passamos a publicar:

... *Sr. Redactor.*

Lêmos n'um dos ultimos n.os do seu acreditado jornal uma noticia em que se punha em duvida a realisação d'um espectaculo projectado por alguns membros da extincta Troupe Dramatica Aveirense em beneficio do cofre da Sociedade Recreio Artistico d'esta cidade. Causou-me estranheza, a mim, que faço parte da referida Troupe e sou socio do Recreio Artistico, a publicação de tal noticia que talvez lhe fosse inspirada por algum informador menos bem informado; por isso lhe venho hoje pedir o favor de noticiar no seu muito lido jornal que o referido beneficio terá logar no dia 21 do proximo mez de dezembro e que o seu programma será opportunamente publicado, podendo eu desde já garantir-lhe que excederá todas as espectativas.

Esperando dever-lhe este favor sou...

Ad.or mt.o obg.o

J. S.

Publicando a carta que acima fica, julgamos ter satisfeito a vontade do seu signatario. Mas não deixa, por isso, de permanecer de môlho a informação que dámos. E não deixa porque d'aqui até ao lavar dos cestos ainda é vindima.

Temos visto muito. Já vimos Braga por um canudo, estrellas ao meio dia e navios no alto de Santa Catharina. Por isso não é muito que vejamos apodrecer no môlho o projectado espectaculo; projectado e mirabulante, pois a dar credito ás palavras da missiva, *excederá todas as espectativas.*

E' pois coisa nunca vista?

Oxalá, e não tome a mal as nossas considerações, que nós cá estamos promptos para fazer justiça.

---

mordomo-mór da Inglaterra no tempo do Conquistador e de seu filho Guilherme o Ruivo. Ralph de Vipont, cavalleiro de S. João de Jerusalem, que possuia antigos dominios em Heather, perto de Ashby-de-la-Zouche, occupava o quinto pavilhão. Uma passagem de dez jardas de largura conduzia, com um declive suave, da entrada da liça até á plata-fórma em que estavam armados os pavilhões; essa passagem era resguardada de ambos os lados por uma forte palissada, assim como a esplanada em frente dos pavilhões, e ambas guardadas por homens d'armas.

Uma passagem semelhante, de trinta pés de largo, dava accesso para a liça do lado do norte; na aua extremidade havia um largo espaço fechado e destinado aos cavalleiros que quizessem entrar na arena a combater com os reptadores; e atraz d'elle estavam armadas tendas contendo refrescos de toda a especie para elles se utilisarem, e havia armeiros, ferradores e outros individuos promptos a prestarem os seus serviços em qualquer parte onde fossem necessarios.

Em torno da liça tinham-se construido palanques provisorios ornados com tapeçarias e alcatifas e guarnecidos de coxins para commodidade das damas e dos senhores que quizessem assistir ao torneio. Entre as galerias e a liça havia um estreito espaço destinado aos grandes cultivadores e aos espectadores um pouco acima da plebe, e que podia comparar-se á platéa dos nossos theatros. O povo amontoava-se confusamente sobre grandes relvados preparados para esse fim, e d'onde a elevação natural do terreno lhe permittia ver perfeitamente a liça por cima dos palanques. Apezar da commodidade com que tinham sido proporcionados os logares aos espectadores, alguns centos d'estes tinham-se encarrapitado nos ramos das arvores que rodeavam a planura e até o campanario de uma egreja, ao longe, estava carregado de gente.

Nada nos falta para a descripção do arranjo geral, senão um palanque elevado mesmo no centro do lado oriental da liça, e portanto exactamente em frente do logar onde devia ter logar o combate. Era mais alto que os outros, mais ricamente ornamentado e tinha ao centro uma especie de throno coberto de um docel em que se viam as armas reaes. Escudeiros, pagens e guardas, ricamente fardados, estavam de vigia a este logar de honra, que era destinado ao principe João e seu sequito. Do lado opposto a essa tribuna real havia outra da mesma altura, de ornamentação mais alegre mas menos sumptuosa do que a d'aquella. Pagens e donzellas, escolhidas entre as mais formosas, com vestuarios de phantasia, côr de rosa e verdes, cercavam um throno decorado com as mesmas côres. No meio de galhardetes e bandeiras em que se viam corações feridos, corações inflamados, corações sangrentos, arcos e frechas e todos os logares communs emblematicos dos triumphos do Cupido, uma inscripção brazonada informava os espectadores de que aquelle logar era reservado para *La Royne de la Beaulté et des Amours*. Mas quem devia representar a Rainha da Belleza e dos Amores n'aquella occasião ninguem podia adivinhal-o nem sequer imaginal-o.

Entretanto os espectadores de todas as classes apressavam-se a occupar os seus respectivos logares, não sem haver muitas altercações sobre a classe a que cada um se julgava com direito. Algumas d'ellas foram decididas com pouca ceremonia pelos homens de armas, que empregavam sem hesitação os cabos das suas achas e os punhos das suas espadas como argumentos para convencerem os mais refractarios. Outras, originadas por pretenções rivaes de personagens mais elevados, eram resolvidas pelos arautos ou pelos dois marechaes do campo, Guilherme de Wyvil e Estevão de Martival, que, armados de ponto em branco, passeavam a cavallo na arena para manterem boa ordem entre os espectadores.

Cartas d'Algures

23 DE NOVEMBRO.

A guerra anglo-boer continúa a ser o unico assumpto que prende a attenção do publico. Mas, infelizmente, não ha novidades de sensação. Tudo como d'antes. Quartel general em Abrantes é que se não póde dizer agora, porque é em Africa.

Cada um commenta os successos a seu sabor. E são poucos os que não dizem asneiras. Ora melhor seria que concordassem todos na verdade, pondo de parte phantasias e saudices. E a verdade é que os boers se teem revelado soldados de primeira ordem, como não ha outros melhores no mundo.

Passa as *Novidades* o tempo a discutir operações militares que não conhece e a traduzir opiniões insensatas, como as de Stanley, que dá a coisa como liquidada no fim de duas semanas logo que o generalissimo inglez inicie as operações. Entretem-se o correspondente da *Voz Publica* a disfarçar a sua sympathia pelos inglezes n'um periodico que grita, de vez em quando: *Viva a republica do Transwaal, viva a republica de Orange*. Quando a verdade conhecida até agora é uma só: os boers levam a melhor, e a valer.

Este é o caso.

Chegam elles até Durban? Não chegam, porque Durban está bem defendida e bem protegida pela artilheria dos couraçados inglezes? Estes, os inglezes, veem a tomar a desforra e avançam até Pretoria? Vel-o-hemos.

Por emquanto vê-se apenas que o exercito transwaliano é exercito para dar licções a quasi todos os exercitos europeus.

E basta, amigos.

Dizer-se que a Inglaterra ficará vencida é arrojo, na verdade. Ficaria, ficaria, se o Transwaal tivesse metade, só metade, dos seus recursos. Mas não tem. E, então, é muito provavel que o resultado final venha a ser favoravel á Inglaterra. Até ahi vemos nós e desde o principio que o dizemos aqui. Até ahi vê todo o mundo. Mas é tambem impossivel que a causa do Transwaal triumphe? Não é e ahi é que os doutores da Parvonia fazem desdem com os seus desdens.

Tem-se visto coisas mais *impossiveis*. Não é nada provavel uma intervenção europeia, sem ser impossivel. Mas é provavel, sempre provavel uma insurreição geral dos afrikanders depois de uma grande victoria boer, ou de outro incidente de campanha, e essa victoria ou esse incidente pode-se dar ámanhã, pode-se ter dado á hora em que escrevemos estas linhas.

Aos proprios individuos, que compõem um exercito em operações, é difficilimo fazer calculos exactos sobre o andamento d'estas, e estão no theatro da guerra. Quanto mais aos que estão longe a encher quartos de papel para um jornal. Vá lá que aquelles calculos falhem pouco, e falham muito ás vezes, aos que estão no segredo dos planos da campanha. Para os outros tudo é problematico e instavel.

Vamos, pois, *pela certa. E a certa* é esta: os boers invadiram o Natal e o Cabo, déram batalhas onde venceram os inglezes e batem quasi ás portas de Durban. Isto desagrada aos litteratos e aos amigos da Inglaterra? Pois paciencia. E' a verdade.

Dissémos aqui, e repetimos, que o exercito de White é um exercito perdido, tenha ou não Ladysmith cahido em poder dos boers. E está provado. Ladysmith continuará resistindo. Mas os boers deixam-n'a ficar e seguem para deante ao encontro do grosso das tropas do general Buller, o que demonstra que teem forças sufficientes para annullar White e ainda fazer frente ás novas tropas enviadas por Buller. Concluir d'isto que Buller vae jantar a Pretoria d'aqui a duas semanas, como pretende o omnipotente sr. Stanley, ou mesmo no dia de Natal, como prometteu o mesmo Buller, é forçar um pouco a logica, havemos de concordar. Affirmar o contrario é que estava na corrente da logica. Não seria grande audacia concluir que não haveria grande difficuldade em ir até Durban quem já foi até Estcourt. Entretanto, é prudente não o affirmar. E, sendo assim, muita petulancia provam aquelles que estão imaginando os boers a ser corridos, não tarda, pelos inglezes.

Mas se o mundo está cheio d'estes pataratas, que fazer?

Taes são elles, dizia n'outro dia um litterato depois da narração d'um feito d'armas, pelos inglezes, n'uma campanha qualquer.

Os boers, que constituem uma nação pequenissima, que toda a gente suppunha semi-barbaros, fazem com que a grande Inglaterra organise exercitos successivos para os combater. Os boers fazem com que a grande cidade de Londres, que tem, sósinha, quatro vezes mais gente que toda a nação do Transwaal, arranque os cabellos de desespero a cada noticia da guerra. Os boers fazem com que todo o mundo olhe para elles, constituindo o seu procedimento o assumpto exclusivo de todas as conversas d'um polo ao outro.

Taes são elles.

Aqui é que se póde dizer com imparcialidade, com justiça, com admiração:

Taes são elles!

Não admira nada que a Inglaterra os venha a vencer. O que admira é o que elles teem feito até agora e o que elles promettem para o futuro.

Taes são elles! *A. B.*

Na egreja de S. Nicolau, em Bruxellas, foi preso um padre hespanhol. A policia esperou que o sacerdote celebrasse a missa e se despojasse das vestes religiosas, levando-o depois ante o juiz de instrucção. E' accusado de moedeiro falso e de explorar o conhecido logro de thesouros escondidos.

A' CAMARA

Pedem-nos alguns moradores da rua de Jesus, para lembrarmos á camara a conveniencia de mandar construir um cano de esgoto que ligue com o da rua Direita, afim de receber as aguas que as cóvas, onde estão depositados os estrumes, não podem conter.

Assim como está não póde continuar, porque as aguas putridas espalham-se, dando em resultado estarem alguns moradores d'aquella rua a soffrerem constantemente um cheiro nauseabundo, o que não é das coisas mais agradaveis para a saude dos seus habitantes.

Ahi fica a lembrança.

Previsão do tempo

Escolastico, diz, relativamente á previsão do tempo da 2.ª quinzena d'este mez, o seguinte:

Nos dias 24 e 25, haverá grandes chuvas em toda a Andaluzia, provincia de Badajoz e parte de Portugal, com acção reflexa em Murcia, Alicante, Albacete, Ciudad Real, Toledo e Cuenca. Nevadas em Logronho e Saragoça e ventos fortes na Catalunha e Valencia. Em 26 e 27 continua o regimen das nevadas, que se tornam mais geraes, abrangendo a provincia da Galliza. Mantém-se os ventos do nordéste e noroeste. Nos dias 28 e 29, nevadas em Huesca, Lerida, Navarra, Vascongadas, Lugo, Leon, Teruel e Burgos, chuvas e aguaceiros em outras regiões. Dia 30. chuvas frias e ventos duros a leste e oeste da peninsula.

Tabacaria Havaneza

Abriu hontem este novo estabelecimento, de que é proprietario o sr. Augusto Carvalho dos Reis, um modesto mancebo, que por isso se torna crédor dos favores do publico.

O mar tem produzido, n'estes ultimos dias, optima sardinha. As companhas de S. Jacintho são as que mais teem pescado.

Engano fatal

Deu-se em Lanhoso um acontecimento que causou alli profunda tristeza. Um rapaz de 12 annos, José dos Cunhos, que estava recentemente na pharmacia de Valle Rego, na qualidade de praticante ou coisa parecida, vendo uma garrafa que lhe parecia conter aguardente, quiz provar da bebida e ingeriu uma porção do liquido. A garrafa continha acido phenico, e o desgraçado rapaz morreu pouco depois de ter bebido o toxico, no meio de agonias horriveis.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria MONACO, á Praça de D. Pedro —Lisboa.

O padre Lemire, socialista christão, propoz a creação d'um novo ministerio de trabalho em França. O sr. Millerand, ministro do commercio, assentiu a esta proposta, e a camara approvou-a.

Um sujeito, amador de curiosidades, anda mostrando a casa a um petiz, seu afilhado. Concluida a visita, diz este:

— O' padrinho, agora vamos tambem ao sotão.

— Ao sotão!? Para quê?

— Para vêr os macaquinhos.

— Quaes macaquinhos?

— O papá é que disse que o padrinho tem macaquinhos no sotão.

ENGOMADEIRAS

INCUMBEM-SE de engomar todos os artigos proprios, com brilho ou sem elle, empregando a gomma especial SAEZ.

Garantem a perfeição.

Rua do Gravito

(Casa immediata á da TANOEIRA)

A morte do sol

Poucas noticias haverá tão sensacionaes, diz um jornal estrangeiro, como as que se lêem em differentes revistas scientificas e que se resumem na seguinte phrase: «O sol extingue-se!» E comprehende-se que assim seja, pois a desapparição d'elle occasionará a morte da terra.

Ainda ha pouco tempo, Mr. Birkredal, professor norueguez, affirmou que o sol entrára em rapida decrepitude e que, em sua opinião, não teria vida para mais d'um seculo; e já agora outro professor tambem da Noruega, Mr. Mohon, confirma os dizeres do seu compatriota e assevera que todas as provas scientificas justificam as prophecias de Mr. Birkedal, argumentando com recentes phenomenos meteorologicos que se não poderiam explicar a não admittir-se a decrepitude solar.

Nomeação e posse

Foi nomeado, por decreto de 23 do corrente, escrivão e tabellião do quinto officio, d'esta comarca, o nosso amigo sr. Manuel Cação Gaspar, que hontem tomou posse.

Foi bem recebida a nomeação d'este cavalheiro.

FOLHAS SOLTAS

BELLA INFANTA

Estava a bella infanta
No seu jardim assentada,
Com o pente d'oiro fino
Seus cabellos penteava.
Deitou os olhos ao mar,
Viu vir uma nobre armada;
Capitão que n'ella vinha
Muito bem a governava.
—Dize-me, ó capitão
D'essa tua nobre armada,
Se encontrastes meu marido
Na terra que Deus pizava.
—Anda tanto cavalleiro
N'aquella terra sagrada...
Dize-me tu, ó senhora,
As senhas que elle levava.
—Levava cavallo branco,
Sellim de prata doirada;
Na ponta da sua lança
A cruz de Christo levava.
—Pelos signaes que me deste
Lá o vi n'uma estacada
Morrer morte de valente:
Eu sua morte vingava.
—Ai, triste de mim, viuva!
Ai, triste de mim, coitada!
De tres filhinhas que tenho
Sem nenhuma ser casada!...
—Que darias tu, senhora,
A quem t'o trouxera aqui?
—Dera-lhe oiro e prata fina,
Quanta riqueza ha por hi.
—Não quero oiro nem prata,
Não n'as quero para mi:
Que darias mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?
—De tres moinhos que tenho
Todos tres t'os dera a ti;
Um moe o cravo e a canella,
Outro moe de gerzerli;
Rica farinha que fazem
Tomara-os el-rei para si.
—Os teus moinhos não quero,
Não n'os quero para mim:
Que darias mais, senhora,
A quem t'o trouxera aqui?
—As telhas do meu telhado,
Que são d'oiro e marfim.
—As telhas do teu telhado
Não n'as quero para mi:
Que darias mais senhora,
A quem n'o trouxera aqui?
—De tres filhas que eu tenho,
Todas tres te dera a ti:
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais formosa de todas
Para comtigo dormir.
—As tuas filhas, infanta,
Não são damas para mi:
Dá-me outra coisa, senhora,
Se queres que o trago aqui.
—Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir.
—Tudo não, senhora minha,
Que inda te não deste a ti.
—Cavalleiro que tal pede,
Que tão villão é de si,
Por meus villões arrastado
O farei andar ahi
Ao rabo do meu cavallo,
A' volta do meu jardim.
Vassallos, ó meus vassallos,
Acudi-me agora aqui!
—Este annel de sete pedras
Que eu comtigo reparti,
Que é d'ella a outra metade
Pois a minha vel-a aqui?
—Tantos annos que chorei,
Tantos sustos que tremi!...
Deus te perdôe, marido,
Que me ias matando aqui.

(Do *Romanceiro*, de Almeida Garrett)

Pouco a pouco os palanques encheram-se de cavalleiros e nobres, com os seus vestuarios de paz, e cujos mantos compridos e de côres ricas contrastavam com os vestidos alegres e mais sumptuosos das damas, que, em maior numero do que os homens, corriam a presenciar um divertimento que se poderia julgar muito sanguinolento e perigoso para lhes despertar prazer.

O espaço interior e mais baixo encheu-se em breve de ricos lavradores e burguezese e de muitos nobres de ordem inferior que, por modestia, pobreza ou titulo duvidoso não ousavam pretender um logar mais elevado. Foi naturalmente entre estes que se levantaram mais disputas sobre a cathegoria de uns e outros.

— Grande cão! Renegado! exclamou um ancião, cuja tunica rapada testemunhava a sua pobreza, do mesmo modo que a sua espada, o seu punhal e a sua cadeia d'oiro indicavam as suas pretenções á nobreza,—filho d'uma loba, tu ousas tocar n'um christão, n'um gentilhomem normando do sangue de Montdidier?

Aquelle a quem era dirigida esta apostrophe brutal não era outro senão o nosso conhecido Isaac. Trajando ricamente, e até com magnificencia, um balandrau enfeitado com rendas e guarnecido de pelles, o judeu esforçava-se por obter logar na primeira fila abaixo do palanque para sua filha, a bella Rebeca, que se lhe juntara em Ashby e que se lhe segurava ao braço, bastante assustada pelo desagrado que parecia produzir em geral a presumpção de seu pae. Mas Isaac, que nós vimos sufficientemente timido n'outras occasiões, sabia bem que agora não tinha nada a recear.

Não era em sitios de grande concurso de gente, ou onde se reunissem os seus eguaes, que os nobres avarentos ou malevolos ousariam fazer-lhe mal. N'esses casos os judeus estavam sob a protecção da lei commum; e se esta garantia era fraca, acontecia ordinariamente que entre os assistentes havia alguns barões que, por motivos de interesse proprio, estavam promptos a tomal-os sob a sua protecção. N'aquella occasião Isaac estava mais tranquillo ainda que de costume por saber que o principe João estava em vesperas de negociar um grande emprestimo com os judeus d'York, para o qual serviriam de penhor certas joias e terras. A parte de Isaac n'essa transacção era consideravel e elle sabia muito bem que o extremo empenho do principe em concluir o negocio lhe asseguraria a sua protecção no conflicto em que se achava mettido.

Animado por estas considerações, o judeu persistiu no seu fito e empurrou o christão normando, sem respeito pelo seu nascimento, cathegoria ou religião. As queixas do ancião excitaram, porém, a indignação dos circumstantes. Um d'estes, *yoeman* (1) robusto e bem plantado, vestido de panno verde de Lincoln, com um cinturão guarnecido de uma divisa de prata e no qual estavam seguras doze frechas, e tendo na mão um arco de seis pés de altura, voltou-se rapidamente e emquanto o seu rosto, que a constante exposição ao ar fizera tão moreno como uma avelã, se tornava mais negro de raiva, observou ao judeu que, se todas as riquezas que elle adquirira sugando o sangue das suas desgraçadas victimas o tinham inchado como uma aranha, se lembrasse de que ella póde ser desprezada emquanto está no seu esconderijo, mas que é esmagada logo que apparece á luz.

(1) Esta palavra, que com o tempo recebeu varias significações, designa aqui os antigos cultivadores proprietarios, que estavam logo abaixo dos que tinham o titulo de *esquire* ou de *gentleman*, então menos banal.

(Continúa.)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos — VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bycicletes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

FABRICA A VAPOR

DE

MOAGEM DE TRIGO E MILHO

DE

Manuel Homem de C. Christo

Vendas de farinhas, e sêmeas

Compras de milho, e trigo, tanto por junto como a retalho

RUA DA ALFANDEGA

AVEIRO

BARRA—PHAROL

OS srs. banhistas d'estas praias encontram na loja da Cambeia, do Arthur Paes, os mais necessarios generos comestiveis, taes como feijão, massa, batata, toucinho, manteiga de porco, queijo da serra, etc. E ainda o tal *biscoito d'Aveiro*,—e o biscoito de leite, que só se vende e faz n'esta casa.

VINHO DE MEZA:—o genuino vinho de meza, limpido, aromatico, levemente taninoso, o que constitue o verdadeiro typo de vinho para meza, tambem se vende no mesmo estabelecimento, com as vantagens manifestas de o srs. banhistas terem ao pé da porta vinho bom e a preço modico.

Levam-se amostras a quem as pedir.

BOM EMPREGO DE CAPITAL

QUEM pretender comprar a quinta do Torreão, proximo de Verdemilho, a dois kilometros de Aveiro e que margina com o esteiro e malhada de S, Pedro das Aradas, dirija-se a Mannes Nogueira ou José Gonçalves Gamellas.

A venda será feita em globo ou em lotes, facultando-se o pagamento para mais tarde, mediante o respectivo juro.

ROLÃO PALMA

ESTA farinha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Peixe—AVEIRO

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCÕES — **AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.

Hotel Cysne
Boa-Vista

AVEIRO

Recommenda-se pelo aceio e seriedade com que se trata

Excellente serviço de meza

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins

(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para verão.

Espera tambem por estes dias um grande sortimento de fazendas, o que ha de mais moderno, para a estação do inverno.

Como está tambem para chegar a epoca dos varinos já tem para isso as fazendas encommendadas.

Ficam d'isto prevenidos os nossos freguezes e amigos.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

Manuel Rodrigues da Graça

R. DA ALFANDEGA

N'ESTE estabelecimento encontra-se vinhos finos desde 240 réis para cima; arroz da terra e estrangeiro. Tem tambem um variado sortido de bolacha das principaes Fabricas de Lisboa e Porto, que vende por preços excessivamente baratos.

Vinho de Bucellas

VENDE-SE a 160 réis a garrafa no estabelecimento de

José Gonçalves Gamellas

Praça do Peixe—AVEIRO

Previne o publico que só affiança a qualidade do vinho vendido no proprio estabelecimento, para evitar que vendam com a mesma marca outra qualidade de vinho.

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moido, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalisando com vantagem com as casas congeneres do Porto. As vendas são a praso, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 70 réis o litro, tinto; branco a 120 e 200 reis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

SAPATARIA AVIRENS E

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

José Gonçalves Gamellas

A' PRAÇA DO PEIXE

N'este estabelecimento encontra-se á venda o apreciado **Vinho de Bucellas** importado directamente de casa do lavrador.

A 160 RÉIS A GARRAFA

Vinho de Collares — Este delicioso vinho continúa a ser muito procurado no estabelecimento do nosso amigo José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe, que vende cada garrafa a 120 réis.

TRENS DE ALUGUER

FERNANDO HOMEM CHRISTO

Rua da Alfandega

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc, etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó, vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento, sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO